

O ENTRE-LUGAR DO CONTO “O TROVÃO ENTRE AS FOLHAS” DE AUGUSTO ROA BASTOS

Silvia Morais Silva (G-UFGD)
Leoné Astride Barzotto (UFGD)

RESUMO

Para o crítico e escritor pós-colonial, o indiano Homi K. Bhabha (2003), a hibridização ocorre no local cultural, no ‘entre-lugar’ deslizante, espaço intersticial, marginal e estranho, passível de mudanças. Tal conceito é descrito por Bhabha como ‘locus da enunciação’, um terceiro espaço do discurso, que não pertence somente ao conquistador nem somente ao conquistado, mas a ambos. Esse ‘terceiro espaço’ e esse discurso fazem surgir a natureza híbrida do sujeito e de sua enunciação. A hibridização pode ser política, cultural, étnica, linguística, etc. Esse pressuposto teórico servirá como base principal para analisar a ocorrência do ‘entre-lugar’ do sujeito latino americano no conto ‘*O trovão entre as folhas*’ de Roa Bastos, com vistas a perceber o poder emancipatório desse terceiro locus de enunciação e configurar sua existência. A metodologia utilizada será através de leituras e levantamentos de dados que comprovem esse “entre-lugar” de forma aprofundada.

Palavras-chave: *Entre-lugar; Roa Bastos; Literatura Latino-Americana.*

ABSTRACT

For the critic and writer post-colonial Indian Homi K. Bhabha (2003), hybridization occurs in the local culture, the “between-place” slide, interstitial space, marginal and alien, subject to change. This concept is described by Bhabha as a locus of enunciation, a ‘third space’ of discourse, not only belongs only to the conqueror or conquered, but to both. This ‘third space’ that speech and give rise to the hybrid nature of the subject and its enunciation. The hybridization can be political, cultural, ethnic, linguistic, etc. This theoretical assumption will serve as the primary basis for analyzing the occurrence of the ‘between-place’ in the subject of Latin American short story ‘The thunder in the leaves’ Roa Bastos, in order to realize the emancipatory power of the third locus of enunciation and configure its existence. The methodology will be through readings and survey data showing that “between-place” in depth.

Keywords: *Between-place, Roa Bastos, Latin American Literature.*

1. INTRODUÇÃO

Por meio dos estudos psicanalíticos de Jacques Lacan²⁸ surgem os conceitos de ‘Outro’ e ‘outro’. Em um diálogo cultural explícito o Outro (com maiúscula) enfoca o desejo do poder, enquanto o outro (com minúscula) está submerso no discurso do poder. Neste contexto, o ‘Outro’ representa o colonizador europeu ou neocolonizador, que desempenha o papel de sujeito/agente, ao passo que o ‘outro’ é o sujeito/oprimido, que muitas vezes sofre no papel de colonizado, objeto/paciente, subalterno, e, com isso, reitera a identidade do sujeito imperial e a sua própria alteridade.

O processo de outremização fabrica o outro que, excluído, existe por meio do impacto do discurso opressor. Para a crítica pós-colonial a outremização se apresenta em três estágios: (1) o Outro (europeu/norte-americano) fabrica o outro (negro, indígena, pobre, asiático, latino, etc.) pela

²⁸ Jacques Lacan (1901-1980) foi o seguidor que mais contribuiu e deu continuidade às obras de Sigmund Freud (criador da psicanálise).

exploração do território; (2) o outro é degradado pelo colonizador quando é chamado de preguiçoso, depravado, selvagem, violento e, involuntariamente, este indivíduo começa a internalizar tal discurso, tornando-o mais forte, e com isso se anula cada vez mais, pois perpetua uma ideologia de degeneração; (3) o hiato do discurso eurocêntrico entre ‘nós’-europeus e ‘eles’-colonizados, homogeneiza os sujeitos nativos como um único elemento a ser dominado e ‘civilizado’, de forma que ‘eles’ seriam todos os indivíduos iguais para o europeu, ou seja, todos seriam alvo de domesticação e controle.

Outro/outro são constructos do imperialismo, de seu discurso opressivo e de suas práticas e só se mantêm na realidade colonial e pós-colonial pela imposição da força da dependência cultural, política, econômica e financeira gerada da metrópole para a colônia ou ex-colônia, e também pela ideologia neo-imperialista propagada pelos seus representantes com estratégias mais fortes de dominação e exploração de novos povos e novos territórios.

Entretanto, todo esse esquema imperial pode ser invertido pelo sujeito oprimido no momento em que ele decide revidar, resistindo aos estereótipos e às estratégias usurpadoras usadas pelo colonizador ou neocolonizador. Esta inversão acontece a partir da subjetificação do mesmo, exatamente no instante em que ele deixa de ser objeto de controle e se torna agente de sua história e de seu território, decide e age, enfrentando os estratagemas de exploração, mesmo que em desvantagem socioeconômica. Para realizar tamanha façanha, o indivíduo também utiliza algumas estratégias de resistência e, acima de tudo, de sobrevivência.

Analisando o “Outro/outro” deparamos com a hibridização – esse conceito tem proporcionando “mesclagem” no mundo ocidental, ele está se mesclando de tal forma que o conceito de indivíduos “puros” no sentido cultural, social, e étnico parece não existir. No entanto, há uma rejeição com relação a hibridização, isso ocorre porque muitos híbridos não tem consciência de sua mistura e com isso acabam colaborando com processos fanáticos de absolutismo como o religioso, etc. Mas observando por outra proporção, a aceitação desse processo híbrido surge no sentido de evitar fundamentalismos, vêm com o intuito de enfrentar suas diferenças promovendo o respeito e não a anulação.

Esse conceito (hibridização) não se trata de um fenômeno moderno, porém é reforçado e exposto com o advento da colonização e da pós-colonização. Sua finalidade é nomear algo ou alguém cuja sua formação seja mista, heterogênea, constitui assim, a identidade do duplo, contrapondo à concepção do conceito “puro, único, autêntico”. Foi a partir do século XX que esse termo começou a ser aderido fortemente nos estudos culturais.

No âmbito acadêmico esse termo tem sido abordado com mais ênfase, com o intuito de absorver as mais variadas nuances culturais valorizando o diferente, a alteridade do novo sujeito que está construindo esse novo mundo. “O hibridismo não é, portanto, resultante de um contínuo

processo de transculturação e a identidade híbrida não é mais nenhuma das identidades originais, embora guarde traços dela” (CARREIRA, 2005).

Segundo Homi Bhabha (2003) e Silviano Santiago (1978) essa hibridização seria um terceiro lócus de enunciação, uma zona de contato onde culturas diversas se encontram e formam uma terceira cultura híbrida, misturada onde conflitos e transculturações ocorrem e resolvem ou não seus problemas. Bhabha enfoca o entre-lugar cultural geral, onde o colonizador se encontra com o colonizado, lugar que não é só de um nem só de outro, mas de ambos, mesmo que estejam em conflito, já Santiago assevera a perspectiva sobre o “entre-lugar” o discurso latino americano, contextualizando várias culturas e etnias.

Essa zona de contato citada anteriormente (PRATT, 1992) chamada de lugar intersticial ou espaços sociais onde culturas díspares se encontram, havendo o choque geralmente entre o sujeito subordinado e o sujeito opressor, num cruzamento cultural, implicando assimilação, resistência, e transformação de ambos os lados, passando por um constante processo de engajamento, mudanças, contestação refletidas na literatura. Neste sentido Bhabha (2003, p.24) cita o seguinte:

É nesse sentido que a fronteira se torna o lugar a partir do qual *algo começa a se fazer presente* em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, do além que venho traçando: Sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apresentados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens... A ponte *reúne* enquanto passagem que atravessa.

Dessa forma, pretendemos apresentar fatos do discurso do “Outro/outro” e analisar a ocorrência do ‘entre-lugar’ do sujeito latino americano a partir da análise de ‘*O trovão entre as folhas*’ com vistas a perceber o poder emancipatório desse terceiro lócus de enunciação e configurar sua existência. Para esse fim, deveríamos lembrar que é o “inter”- o fio cortante da tradução e da negociação, o *entre-lugar* – que carrega o fardo do significado da cultura. Ele permite que se comecem a vislumbrar as histórias nacionais, do “povo”. E, ao explorar esse Terceiro Espaço, temos a possibilidade de evitar a política da polaridade e emergir como os outros de nós mesmos.

A seguir temos um breve resumo sobre a biografia do autor, sobre o conto, e logo após, vêm uma contextualização da obra abordando conceitos como metonímia, intertextualidade, subalternidade e subjetificação com o conceito de “Outro/outro”, e por último concluiremos com uma definição mais específica acerca do que seria de fato essa hibridização – entre-lugar, e apontaremos onde ela está presente no conto mencionado de Roa Bastos.

2. BIOGRAFIA DO AUTOR

Roa Bastos, natural de Assunção-Paraguai, nasceu em 13 de junho de 1917 e faleceu em 26 de abril de 2005. Passou sua infância em Iturbe (pequena região de Guairá) entre uma cultura bilíngüe (guarani e castelhano). Durante sua carreira de escritor Roa Bastos recebeu prêmios internacionais como o *Prêmio Cervantes* (1989). Escreveu o melhor livro da literatura paraguaia e um dos melhores da latino-americana: "Eu o Supremo" (uma obra que retrata magistralmente a figura de José Gaspar Rodríguez de Francia um ditador que comandou o Paraguai durante 27 anos). Foi considerado, portanto, um dos mestres literários do século, tendo sua obra traduzida para 25 idiomas.

Ele teve influências distintas com relação à cultura. Quando criança foi instruído pelo pai (ex-seminarista) no latim e no grego, recebendo uma formação humanística que incluía São Jerônimo, Santo Agostinho, etc. Na adolescência, recebeu orientações do tio Monsenhor Hermenegildo Roa, nessa época teve acesso à autores de clássicos Greco-latinos, espanhóis e demais europeus. Além dessa diversidade, ele ainda teve acesso à memória coletiva paraguaia, marcada profundamente pela influência da língua guarani; se por um lado o pai tentava conduzi-lo à herança oriental, a mãe contava-lhe histórias da bíblia em guarani e alguns camponeses contava-lhe “casos” com esse mesmo idioma.

Com fortes convicções ideológicas, foi correspondente na Europa durante a Segunda Guerra Mundial, e acabou obrigado a exilar-se na Argentina e depois na França por mais de 40 anos (durante o regime do ditador paraguaio Alfredo Stroessner 1954-1989). Autorizado a visitar o país em três ocasiões durante seu exílio, o escritor foi definitivamente expulso em 1982 e só regressou à sua terra natal após a derrubada do ditador Stroessner. Além do exílio Roa Bastos também foi marcado pela guerra entre Paraguai e Bolívia (1932-1935), pelo controle da zona desértica do Chaco, na qual participou como assistente de enfermagem, aos 15 anos. Ao fim do conflito, iniciou sua carreira no jornal paraguaio "El País", onde chegou a chefe de redação e correspondente em Londres, após a Segunda Guerra Mundial. Durante toda sua vida ele trabalhou como jornalista, correspondente, roteirista de cinema, carteiro, dramaturgo e professor.

O título de “um dos principais autores latino-americanos” não veio por menos, Augusto Roa Bastos embora não se considerasse um escritor profissional, tinha o dom de aclarar enigmas da escrita mesmo que estivesse ocultos e obscuros, conseguia juntar os ecos das histórias dos antepassados ou tempo da história com o tempo do mito, para ele o ato de escrever era considerada uma tarefa difícil, porém o ato de ler era algo muito mais comprometedor, “[...] antes de aprender a escribir hay que aprender a leer. La escritura no es sino La objetivización del texto ya presente y múltiple que cada uno lleva en El espíritu.” (ROA BASTOS, citado por DOBARRO, 1990a, p.2). Contudo a recuperação do escrito era remetida através da tradição literária expressa nos livros, e a recuperação do “já dito - transmissão oral do feito do povo” era recorrida através da memória.

Devido à sua diversidade no quesito educação cultural, o autor produziu seus trabalhos com uma compilação especial, tinha sua própria característica na escrita, retratava o passado com o presente, trazendo uma escrita moderna através da intertextualidade, para ele uma arte era originária de outras artes, o diferencial era a essência que cada escritor conseguia transpassar, a intimidade com o público leitor, portanto, a reunião de fragmentos de outros textos para Roa Bastos era vista como uma forma de resgatar a herança cultural do passado, seu ponto de vista era similar ao de ISER (1999), “*ou seja, a memória coletiva que não pode ser transmitida geneticamente*”. Contudo a mescla das heranças indígenas e ocidental permitia que Roa Bastos propusesse diversas interpretações da realidade paraguaia em seus textos ficcionais, conseguindo entre outras coisas, propor novas visões da história.

O Trovão entre as folhas é uma exemplificação dessa característica encantadora na escrita de Augusto Roa Bastos, nesse conto ele ilustra nos mínimos detalhes a luta de um barqueiro simples (Solano Rojas - residente em uma comunidade rural e pacata) contra a tortura física e psicológica de capitalistas frios e violentos. A história começa com a invasão dos capitalistas nesta região, eles constroem um engenho de açúcar e obrigam os moradores a trabalhar quase que num trabalho escravo. No final da trama os capitalistas são expulsos, mas retornam com mais homens e armas, porém o barqueiro acaba com um fim trágico, termina preso e cego, no entanto, permanece com um símbolo mítico da luta por justiça e liberdade.

Paralelamente, ele começou a escrever poemas e publicou em 1941 sua primeira novela, "Fulgencio Miranda". O paraguaio era um leitor apaixonado por autores como Rilke, Cocteau e Faulkner. Retomando, o escritor e poeta paraguaio Augusto Roa Bastos, morreu no dia 26 de abril de 2005, aos 87 anos, em um hospital de Assunção. Ele faleceu devido a um ataque cardíaco oriundo de complicações da cirurgia a que foi submetido após cair e bater a cabeça em sua casa, quatro dias antes de sua morte.

3. RESUMO DO CONTO

O conto *O Trovão entre as folhas* de Roa Bastos, inicia-se contando a morte do personagem principal - Solano Rojas, um barqueiro simples, de bom coração, tido como símbolo mítico da luta pela justiça e liberdade. Solano era um homem de fibra que se indignava com tamanha crueldade que ele e seus companheiros eram submetidos, tudo em prol do dinheiro, lucro para os poderosos capitalistas, ambição esta, que custava suor, lágrimas, sangue e até a vida de alguns trabalhadores. O engenho de açúcar construído na pacata comunidade rural, praticamente os escravizavam, era um trabalho sem recompensa, não viam a cor dos seus esforços, suas bonificações eram através de vale – papel branco - responsável pelos mantimentos e roupas que muitas vezes custavam o dobro do

valor real. O trabalho serviçal era considerado uma praga (fugindo do conceito judaico-cristão), era, portanto, uma maldição que deveriam suportá-la.

Solano aos 15 anos já trabalhava como um “peão” experiente, desde cedo conviveu com as atrocidades daquele trabalho, viu inúmeros colegas serem exterminados com pura frieza, caso demonstrassem alguma insatisfação com o trabalho eram açoitados no tronco até que desmaiassem ou morressem, outros eram baleados sem dó nem piedade, na frente de amigos e familiares. As mulheres também eram escravizadas, umas com a própria mão de obra (engenho de açúcar) outras sexualmente, pois era raro quando os chefes do engenho não as violentavam por pura diversão, em algumas ocasiões uma mulher era abusada pela tropa inteira. Com a mãe de Solano não foi diferente, mulher ainda jovem e bonita, ela foi obrigada a ceder aos gostos do patrão, o “verme” conseguiu dela tudo o que quis, sob ameaça, pois caso se negasse o filho seria morto. Motivos para sorrir, Solano não tinha, dentro de si predominava a sede pela justiça, um rebelde em busca da liberdade, desejava apenas que aquele vilarejo se tornasse um lugar calmo, com a mesma paz de sua fundação.

Ao longo da trama Solano consegue alguns aliados para tentar combater ao regime que eram submetidos, ele era considerado como a voz da experiência, por algum tempo até formou um sindicato de trabalhadores, e quando o ritmo de produção decaía os gerentes já sabiam que os empregados estavam sendo orientados pelo sindicato, ele chegou a ser respeitado por muitos, no entanto, quando estavam quase apaziguando a cronometragem do trabalho e tentando requerer seus direitos, o engenho foi vendido para outro dono, ao invés das ordens do fundador Simón Bonaví, foram impostos perante as ordens do Harry Way, com esse novo inimigo as esperanças da comunidade foram cessadas.

Como em toda situação Solano acaba sendo traído, e todo seu esforço de nada vale, por fim ele é capturado e açoitado com cento e dez chicotadas, uma celebração é realizada em torno de sua derrota, e durante essa festa ele é retirado do tronco por caçadores e levado para mata. Porém, toda a sua luta não é em vão, um grupo de trabalhadores, descobrem que ele ainda estava vivo e o chama para incendiarem a fábrica, era a única solução para se livrarem de tamanha crueldade, mas (assim como nos contos cristão) eles são traídos novamente, e toda a tropa de trabalhadores é presa e julgada a morte, no entanto, Solano não os desampara, joga sua última carta, sua última tentativa, e vence, com a ajuda de trinta caçadores o engenho (Ogagassu como também era conhecido) é incendiado e com isso os capangas de Harry fogem, o feitiço vira contra o feiticeiro, Harry é detido, fica de joelhos em frente ao Solano suplicando pela vida, tudo em vão, pois acaba pagando as conseqüências de seus atos, é trancafiado dentro do incêndio e todos assistem sua morte.

Após essa vitória a comunidade vive em paz por uma semana, se organizam e cada um se dedica no cargo destinado à fábrica, pela primeira vez trabalham com gosto. Porém, apesar de tanta

luta, tanta força para vencer a injustiça, a história não termina tão linda assim, num belo dia, o engenho amanhece cercado por dois esquadrões do governo que chegam para vingar a morte de Harry, alguns trabalhadores resistem, mas as metralhadoras falam por si, outros se rendem e são presos, já Solano termina com um fim trágico, é preso por quinze anos, e quando é liberto traz consigo lembranças eternamente amargas, como pagamento deixa os olhos na prisão. Termina tocando seu acordeom e se recordando das lutas, tem uma vida triste e sozinho, falece a beira de um barranco quando tirava água para beber, os caçadores o tiram e jogam seu corpo no rio, porém a sua alma, fica rondando o povoado, se torna o guardião cego e invisível a quem não se pode enganar porque tudo vê.

Apesar das tristezas que Solano enfrenta, no final da trama ele se encanta por uma moça corajosa, que também ajuda a queimar a Ogaguassu. Sua contribuição ocorre de uma forma simples, suas mãos estavam sem armas, mas cobertas de foligem, ela também havia ajudado a salvar a cruel e sanguínea opressão que se deparavam. Rosto delicado e pequeno, cabelos que pareciam banhados de lua com o açúcar, fez com que Solano se encantasse e terminasse tocando seu acordeom, se lembrando da luta e de um amor não correspondido. Essa foi a única paixão do personagem, o momento em que ele demonstra ternura e paixão por uma mulher.

4. CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA

O narrador inicia esse conto como se estivesse fazendo um *flashback*, fala primeiro do sofrimento e da morte do personagem principal – Solano – para depois voltar a época de sua infância, juventude, fase adulta e, por fim, a velhice. De início, retrata a presença de Solano como se fosse uma alma vagando a fim de proteger a comunidade. Porém, as pessoas não o temem, o som de seu acordeão transmite paz e segurança, pois todos os moradores do vilarejo, conhecem sua luta por justiça:

...Não o temem e o veneram porque se sentem protegidos pela alma do passeiro morto / Ali está ele no cruzamento do Rio como um guardião cego e invisível a quem não é possível enganar porque tudo vê / Monta guarda e espera. E nada há tão poderoso e invencível como quando alguém desce a morte, monta guarda e espera. (ROA BASTOS, 2005, p. 213)

Logo no início, como foi citado anteriormente, é exposto uma lacuna metonímica, cujo efeito é o de abrogação, pois ela se dá no momento em que perguntam de onde origina aquele som de acordeon, já que a única pessoa que tocava aquele instrumento era o falecido – Solano – ela ocorre de fato, na réplica de uma senhora quando murmura a seguinte frase: “Aicheyarangá, Solano!”. É no início do conto que também fica perceptível o gênero poético, a página 203, em específico, retrata as memórias de Solano com um ar de vencedor apesar da triste sequela que o

acompanha (cegueira). O personagem lembra das batalhas, das paisagens e através da música (acordeon) expõe seus sentimentos:

...Pouco a pouco a música se fazia triste, como de luto. Uma canção de acompanhamento junto ao fogo pagado dum bivaque na noite do destino. À isso tocava o acordeon de Solano Rojas, junto ao rio natal. Não estariam dialogando por acaso a água escura e o filho cego sobre coisas, lembranças compartilhadas? (ROA BASTOS, 2005, p. 203)

No parágrafo seguinte, Roa Bastos demonstra sua linguagem poética com muito afinco, ele fala das características de Solano, retratando-o como um ser humano justo e fiel aos seus sentimentos:

Ele tinha dentro de si, no seu coração indomável, um lutador, um rebelde que odiava a injustiça. Isso era verdade. Mas também um homem apaixonado e triste. Solano Rojassabia que amor é, tristeza, e engendra sem remédio e solidão. Estava acampanhado e só. (ROA BASTOS, 2005, p. 203)

“O trovão entre as folhas” é de uma linguagem e uma memória riquíssima, o autor seduz o leitor de uma forma encantadora ao ponto de deixá-lo preso na história com a instigação de saber onde tamanha imaginação o levará. Neste conto, Roa Bastos consegue fazer com que os ecos dos antepassados, os mitos, se tornem uma história poética (apesar de tanta tristeza) e realista. As rimas, a intimidade, a delicadeza e educação que ele utiliza ao desenlace das palavras são admiráveis, uma exemplificação deste fato já se encontra no início da trama, quando o narrador expressa: “... mas não dizem que morreu? / - Ele sim. Mas quem toca agora é a alma dele” (2005, p. 200). Nessa frase, além da predominância do valor poético, é retratada a *ab-rogação*, mesmo após a morte o barqueiro Solano se recusa a ficar no esquecimento da população, ele o faz presente, demonstrando de uma forma diferenciada (através da melodia do acordeom, melodia onipresente, desfiada, nostálgica e fantasmagórica) a sua personalidade, sua força. Através do personagem Solano, uma lição de vida é passada, o autor demonstra que nenhuma luta é em vão.

-Não esqueçam Kená, Che ra'y-Kuera, que sempre devemos nos ajudar um' ao outro, que sempre devemos tar unido. O único irmão de verdá que tem um pobre Ko' e 'outro pobre. E junto' todo' nos formamo a mão, o pulso humilde mas forte trabalhador... (ROA BASTOS, 2005, p. 201)

Há uma intertextualidade com a língua guarani (pequenas falas dos personagens) e o espanhol a retratar os efeitos da lacuna metonímica, ou seja, a ‘mistura’ do idioma local com o idioma europeu a fim de produzir uma linguagem híbrida que expresse a hibridação das culturas do local envolvido no conflito cultural exposto pela narrativa. O discurso poético, por sua vez, em alguns momentos vêm acompanhado de ironia “Simón Bonaví era baixinho e barrigudo. À sombra do mulato, parecia quase um anão... era o único que não levava polainas de couro.” (Idem, p. 206),

malícia e sedução “... no princípio estes se alegraram, porque viam surgir a possibilidade de um trabalho estável. Simón Bonaví impressionou-os bem com suas maneiras mansas e afáveis” (Idem, p. 207) ou farsa e ilusão “... os homens trabalhavam como escravos, e era só o começo, mas da grana com que sonhavam não viam nem cabelo na sopa.” (2005, p. 208).

O narrador, na diegese, utiliza todas as funções de linguagem possível, o repetir com a mímica “...Isso é fazer a pátria. / - Isso é fazer a pátria” (Idem, p. 207) e a antítese “Sentiam o doce nos lábios, mas amargo nos olhos onde voltava a ser suco lacrimais, areia doce molhada de lágrimas amargas” (Idem, p. 210) são uma das opções aderidas. Ele não hesita em expor a violência, o medo e a dependência que os personagens se deparam “... Cuidado, Ulogio!...- sussurrava o medo nos trilhos, nas olarias, nos campos, nos galpões. E a cauda de couro trançada estalava na terra, na madeira, nas máquinas, nas costas suadas dos escravos.” (Ibidem, p. 209). O jogo de palavras que Roa Bastos cria, no conto, seduz o leitor à várias reflexões, causando muitas vezes alguns paradoxos entre causa e consequência, como, por exemplo, na fala seguinte:

Os homens, as mulheres e as crianças de Tebikuary-Costa assobraram-se de que uma coisa tão amarga como seu suor tivesse se convertido nesses cristaizinhos de orvalho que pareciam banhados de lua, de escamas trituradas de peixe, de água de orvalho, de doce saliva de bestas. (ROA BASTOS, 2005, p. 210)

Com relação à subalternidade e à subjetificação, os indícios começam a partir da página 205, quando há a caracterização de como foi o surgimento da usina de açúcar e como os moradores viviam antes da mesma ser construída:

Antes de estabelecer a primeira usina de açúcar em Tebikuary-Costa, a maior parte do seu povo se encontra espalhada nas acidentadas ribeiras do Rio. Viviam num estado semi-selvagem da caça, pesca, de seus rudimentares cultivos, mas pelo menos, viviam em liberdade, se seu próprio esforço, sem muitas dificuldades e necessidades. Viviam e mordiam insensívelmente como os veados, como as plantas, como as estações. (ROA BASTOS, 2005, p. 205)

Acostumados com uma vida pacata e sossegada, esses moradores foram submetidos a um trabalho praticamente escravo, o engenho fora criado por Simon Bonaví, pois este alegava que a construção de tal usina era um exemplo da criação de uma pátria, que era um trabalho estável e digno, mas tudo ocorreu totalmente ao contrário, Simon usa de sua autoridade (já que era fundador e considerado o chefe) e começa a abusar da mão de obra de seus funcionários, aquilo que para os moradores, em princípio, pareceu um sonho que se transformou num tormento, além da imposição de ordens através da intimidação, Simon usava de violência para amedontrar, a fim de obter lucro, tudo em torno da ambição. Assim, os moradores ficam relegados aos entraves da subalternidade,

sem forças ou voz para requerer seus direitos. A seguir, trechos que confirmam a “inocência de um trabalho descente”, da “corrupção salarial” e “medo” através da pressão psicológica e visual:

Assim nasceu o engenho, Simón Bonavi recrutou os moradores do loca. No princípio, estes se alegraram, porque iam surgir a possibilidade de um trabalho estável. Simón Bonavi impressionou-os com suas maneiras mansas e afáveis. Um homem assim tinha que ser bom e respeitável. (ROA BASTOS, 2005, p. 208)

Levantaram-se os depósitos, algumas vivendas, a delegacia, a mercearia. Os homens trabalhavam como escravos. E era só o começo. Mas da grana com que sonhavam não viam nem “cabelo na sopa”, porque o patrão pagava-lhes com vales. (ROA BASTOS, 2005, p. 208)

Cuidado, Ulogia!... – sussurrava o medo nos trilhos, nos trilhos, nas olarias, nos campos, nos galpões. E a cauda de couro trançada estalava na terra, na madeira, nas máquinas, nas costas suadas dos escravos. Às vezes ressoavam os tiros do revólver em tom de intimidação. Penayo queria que soubessem que ele era tão zambo para os açoites quanto para os tiros. (ROA BASTOS, 2005, p. 209)

O personagem Simon Bonaví usava de todas as suas armas para prender seus funcionários, seja pelo medo, pelas falsas promessas e até pela questão da dependência, tê-los embaixo de suas asas era muito mais fácil para comandar o trabalho “escravo”, ou seja, a maior política de opressão era a política do medo.

...Pensavam que era algo bom relacionado com o futuro. Pegavam seus vales, e iam ao armazém da provedoria que chupava seus salários em troca de provisões e roupas dez ou vinte vezes mais caras do que seu valor real. (ROA BASTOS, 2005, p. 208)

A subjetificação inicia praticamente na metade do conto, isso ocorre quando (após muito sofrimento dos “escravos”) Elágio Penayo, considerado um dos capatazes responsável pelo ritmo de produção, cronometragem e desempenho dos trabalhadores, é substituído por outro mandante, só que desta vez ocorre uma leve melhoria, os homens trabalham mais folgados e com melhor distribuição de tarefas, porém, a usina continua produzindo muito dinheiro e o regime de exploração na realidade acaba intacto, com pouquíssimas mudanças. Solano, (sempre atento, disposto e trabalhador) se inspira numa greve que origina o Sul (a fim de obter melhorias) e através dela retira experiências para mais tarde se tornar o líder de uma revolução no engenho, tudo em prol da justiça e da liberdade:

Solano Rojas ouvia o arribenho com deslumbrado interesse. Por fim alguém tinha chegado para dar voz aos seus anseios, incitá-los à luta, à rebelião. O agitador dos trabalhadores de açúcar se deu conta em seguida de que nesse robusto e nobre rapaz teria seu melhor discípulo e ajudante. Esclareceu-o sucintamente e trabahran sem decanso. O entusiasmo da gente pela causa foi se estendendo pouco a pouco. Eram objetivos simples e claros, e os métodos também eram claros e simples. Não era difícil compreendê-los e aceitá-los porque se relacionavam com seus bscuros desejos e os expressavam

claramente. / O agitador deixou Solano Rojas a cargo dos trabalhos e foi embora. (ROA BASTOS, 2005, p. 216)

O resultado dessa luta é positiva, o engenho obtém prejuízos, e para não perder tudo o que havia conquistado, Simon Bonavi, o vende. No entanto, o próximo proprietário é pior ainda, comete atrocidades horríveis, sua crueldade o impregnava, o sustinha, era sua melhor qualidade. A partir desse ponto (posse do Harry Way) a subalternidade retorna com força e poder. A primeira citação, a seguir, vem retratando a posse de Way e as próximas contem um pequeno exemplo de sua maldade:

A primeira coisa que Harry fez no engenho foi juntar a peonada e os pequenos agricultores. Não ficou um só escravo sem participar da estranha assembléia convocada pelo novo patrão. Sua voz trovejou como através de um tubo de lata amplo e bem alimentado de ar e de orgulhoso desprezo em direção à centenada de homens encostados contra a parede avermelhada da usina. Seu carregado sotaque gringo tomou ainda mais incompreensível e ameaçadora sua ladainha. (ROA BASTOS, 2005, p. 217)

Eu ser prevenido por Dom Simón de que aqui estar se preparar uma greve para vocês. Eu comprar esta fábrica e eu vir para fazer ela trabalhar. Assim como meu nome se Harry Way, eu não deixar vivo um só miserável que pensar em greves ou bobagens dessa classe. / ... Quem não estar de acordo falar agora mesmo. Me confirmar tudo em seguida. / ... Ouviu-se um grito sufocado nas fileiras dos trabalhadores. Fora prferido por Loreto Almirón, um pobre carreiro doente de epilepsia. Seus ataques sempre começavam assim. Seu rosto estava esverdeado e sua mandíbula caía desengonçada sobre o peito. / Trazer esse miserável!... Loreto almirón foi trazido arrastado e colocado na frente de Harry Way. Parecia um morto sustentado em pé. / O Senhor reclamar?... Mim ensinar para o senhor ser um grvista... – inclinou-se para um lado e, ao voltar-se, descarregou um murro terrível no rosto do carreiro. Ouviram-se quebrar os dentes. A pele estourou no canto da bochecha. Os que os tinham agarrado pelos braços soltaram-no, e então Loreto Almirón caiu como um fardo nos pés de harry Way, que ainda lhe desferiu um feroz chute no peito. (ROA BASTOS, 2005, p. 218)

O ‘bom-amigo’ era o poste. Os chicotes torturadores administravam o purgante. E o paciente ficava amarrado, abraçado ao poste, com seu lombo sanguinolento assando-se sob o sol embaixo de uma nuvem de moscas e de mosquitos. (ROA BASTOS, 2005, p. 221)

Diante de tanta crueldade, todos se tornam subalternos, inclusive Solano – responsável pela “revolução” na indústria, suas palavras não eram ouvidas, o terror havia paralisado as pessoas a tal ponto que os moradores sentiam-se vigiados até nos pensamentos. Como não poderia faltar em toda situação Way exige que o pivô da greve apareça e Solano acaba sendo traído e paga pelos seus atos, por sua sede de justiça:

A cada çoite pulava um pequeno jato que resplandecia ao sol. As costas de Solano já estavam banhadas em um suco escarlate como uma fruta demasiado madura que dois taguatós implicáveis arrebatavam com seus compassados moviemntos de asas. Mas Solnao continuava mudo. A boca sangrva-lhe também com o esforço do silêncio. Só seus olhos estavam marejados de lamentos raivosos. Mas seu silêncio era mais terrível que o estampido das chicotadas. / ... Só com cento e dez chibatadas conseguiram

dobrar Solano, que ficou pendurado no ‘bom-amigo’. (ROA BASTOS, 2005, p. 223)

A subjetificação vem a ocorrer, enfim, quando descobrem que apesar do castigo, Solano ainda estaria vivo e o chamam para ajudar a colocar fogo na indústria e a conquistar a tão sonhada liberdade. Solano (que estava afastado, morando com caçadores) sobe o rio com o intuito de ajudar seus companheiros, mas, mais uma vez, Solano é traído e seus principais colaboradores são capturados (ficam presos e julgados à morte), enquanto os capangas ficam de plantão à espera de Solano para cessar com sua vida. Porém Solano (sempre atento à periculosidade), com a ajuda dos caçadores ataca e adere ao último plano, colocar fogo no engenho, e como vingança prender o responsável por tantas desgraças - Harry Way – dentro do estabelecimento. Seu plano é finalizado com sucesso e a paz volta a reinar no vilarejo, mas por pouco tempo. Todavia, com o gosto da liberdade por eles mesmos conquistada, os trabalhadores do engenho sentem o fervor de ser sujeito do próprio destino e não somente objeto do sistema de dominação.

Nesse período, os trabalhadores começam a trabalhar em equipe, começam a colheira por sua conta depois de terem feito justiça com as próprias mãos. Todo seu suor, sangue e sacrifício haviam sido pagos. Portanto, puseram-se a trabalhar com amor, com gosto, pois sentiam que o trabalho era uma coisa boa e não uma escravidão à qual eram constantemente objetificados. Entretanto, após uma semana de paz, o vilarejo amanhece cercado por dois esquadrões do governo que vinham vingar a morte de Harry Way.

Por fim, a narrativa termina com o contraste da subalternidade e da subjetificação, pois Solano e todos que se responsabilizaram pela “injustiça” cometida com Way são presos, e cada um paga pelos seus atos, embora tudo tenha sido cometido em legítima defesa. Entre eles, Solano é o mais castigado, passa quinze anos na cadeia, e para sair de lá, deixa seus olhos como garantia. Ele termina sua vida em *Ogaguassu*, nome dado ao vilarejo, lembrando sua guerra em prol da justiça, como castigo passa o resto de sua vida cego, mas com o orgulho de que através de sua força e coragem, o vilarejo ficará livre do trabalho escravo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entre-lugar configura o lócus de enunciação, um terceiro espaço do discurso, que não pertence a nenhum dos lados envolvidos, mas ambos. Como isso ocorreria na literatura? Nos encontros culturais esse fenômeno ocorre quando surge o choque entre duas ou mais culturas, há uma revitalização de verdades e valores, é reconhecido quando os conquistadores passam a exercer um poder de superioridade sob a comunidade explorada, seu objetivo, portanto, é invalidar e enfraquecer o outro. Contudo, sabe-se que através da reescrita e da leitura, apropriando-se da linguagem do dominador, o subalterno se torna o dono de sua voz, apresentando um contradiscurso,

e é tido como dono de uma voz forte e eficaz, capaz de melindrar, invalidar e com isso enfraquecer os dominadores.

No texto “*O entre lugar na Literatura Regionalista: Articulando nuances culturais*”, a estudiosa Leoné Astride Barzotto aponta uma definição sucinta e prática com relação ao entre-lugar, definição esta que salienta todas as dúvidas:

O entre lugar é então, um novo espaço à luz das trocas culturais, conflitos e ambigüidades que emergem diante das relações de poder. Porém, é neste local que a questão da construção da identidade nacional e de uma comunidade pode se efetivar uma vez que é amplamente subversivo e desobediente. Onde a metrópole espera o silêncio, há voz; onde a metrópole espera conformismo, há inquietação. (2010, p.12)

No conto “*O trovão entre as folhas*” de Roa Bastos, esse entre-lugar ocorre no momento em que Simón Bonavi (dominador, opressor) com seus homens explora a pacata cidade de Ogaguassu, inaugurando, portanto, a usina de açúcar (beira do Rio onde Solano era barqueiro):

“Antes de se estabelecer a primeira usina de açúcar em Tebikuaty-costa, a maior parte do seu povo se encontrava espalhada nas acidentadas ribeiras do Rio. Viviam num estado semi-selvagem da caça, da pesca, de seus rudimentares cultivos, mas logo pelo menos viviam em liberdade, de seu próprio esforço, sem muitas necessidades e dificuldades. Viviam e morriam insensivelmente como os veados, como as plantas, como as estações. / Um dia chegou Simón Bonavi com seus homens. Vieram a cavalo desde São João de Borja explorando o rio para escolher o lugar. Finalmente, no começo do vale que se estendia à frente deles desde a curva do rio, Simón Bonavi se deteve” (p.205)

“Tirou do bolso um mapa bastante amassado e começou a estudá-lo com concentrada atenção... / - Sim disse Simón Bonavi levantando a cabeça. – Isto é do fisco. Água, terras, gente. Num estado inculto, mas em abundância. É tudo de que precisamos. E será de graça, ainda por cima. – Girou o braço com um gesto de apropriação; um gesto ávido, mas lento e seguro” (p. 206)

“... Levantaremos aqui a usina... isso é fazer pátria... Assim nasceu o engenho. Simón Bonavi recrutou os moradores do local. No princípio esses se agregaram, porque viam surgir a possibilidade de um trabalho estável.” (p.207)

O choque entre as culturas começa nessas instâncias, no momento em que Simón Bonavi (homem culto, astuto, com traços europeus – louro e de olhos azuis) se apropria das terras da pacata comunidade (pessoas que segundo Bonavi são incultas, rudes, grossas). Esse contraste de cultura como se percebe não é apenas físico, mas no sentido intelectual, pois baseados nesses pressupostos (de que eles – os brancos – são as autoridades do vilarejo) o poder de superioridade começa a ser explorado com bravura fazendo com que a sociedade “inculta” se torne submissa às ordens, sendo humilhada, logo, ocorre a ligação com o estágio da subalternidade.

No entanto, a pacata sociedade ao longo do conto recupera sua voz de subalterno desafiando a subjetificação dos poderosos. É lá em Ogaguassu que ocorrem todos os conflitos entre os guaranis

e paraguaios e entre os estrangeiros que querem oprimir essa comunidade com trabalho escravo e lucro fácil, por isso ocorre a rebelião, o que significa que eles são sujeitos e não aceitam ser objetos do sistema, porque lutam e resistem, mesmo perdendo a batalha, Solano (personagem principal, um guerreiro tido como exemplo) sobrevive em espírito e seu canto na memória de todos, ainda dá forças para os que ficam a lutar. A seguir trechos das vozes dos oprimidos revertidas em sujeitos donos de sua ação:

“Entre os poucos que não se deixavam enganar, estava Solano Rojas. Era talvez e mais atento voluntarioso de todos. Palpava a realidade e entrevia intuitivamente seus perigos. / Mas faziam pouco caso dele. Os homens estavam já cansados e maltratados. Preferiam continuar assim a dar pretexto para que voltassem a subjugar-los pela violência.” (p. 215)

“...Fazia-se chamar de Gabriel. / Trouxe a notícia de que os trabalhadores de todos os engenhos do Sul estavam preparando uma greve geral para exigir melhores condições de vida e de trabalho... Ele vinha para conseguir a participação de Tebikuary-Costa. / - Nossa força depende de nossa união – repetiu constantemente Gabriel nos conciliábulos clandestinos. – De nossa união e de saber que lutamos pelos nossos direitos. Somos seres humanos. Não escravos. Não besta de carga. / Solano ouvia o *arribenho* com deslumbrado interesse. Por fim alguém tinha chegado para dar voz aos seres anseios, incitá-los à luta, à rebelião. / O agitador dos trabalhadores do açúcar se deu conta em seguida de que nesse robusto e nobre rapaz teria seu melhor discípulo e ajudante. / O agitador deixou Solano Rojas a cargo dos trabalhos e foi embora (Resultado = greve, logo a venda do engenho para outro dono).” (p. 215-216)

“A causa das desgraças eram a fábrica, os equipamentos, o engenho. O próprio Simón Bonavi, o próprio Harry Way tinham nascido do quisto vermelho. Tinham sua cor e seu veneno, Destruída a fábrica, tudo voltaria a ser como antes.” (p. 224)

Essas citações acima mostram quão forte foi a voz dos subalternos em prol de suas libertações, mostra quão eficaz foram suas recuperações, ao ponto de melindrar ou até mesmo enfraquecer os dominadores, um fato consumado foram as rebeliões construídas, por Solano e outros trabalhadores, que tiveram resultado positivo. Contudo, apesar do final ser trágico e lamentável, eles não se entregam, pelo contrário lutam, perante o silêncio surge a voz, perante o conformismo, ressurgem a inquietação.

REFERÊNCIAS

ROA BASTOS, Augusto. O trovão entre as folhas. In: RAMAL, Alicia. (Org. e Trad.). *Contos latinos Americanos Eternos*. RJ: Bom Texto, 2005, p.199-231.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

SANTIAGO, Silviano. O entre lugar do discurso latino americano. In: _____: *Uma literatura nos trópicos: ensaio sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 11-29.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. *A representação do outro em tempos de pós-colonialismo: uma poética de descolonização literária*. Disponível em: www.unigranrio.com.br/letras/revista/textoshirley4.html. Acesso em 23 maio. 2011.

BARZOTTO, Leoné Astride. *O entre lugar na literatura regionalista: Articulando nuances culturais*. Disponível em: http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:3Wab0x9_alsJ:www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/561/516+Leone+o+entre+lugar+na+literatura+regionalista&hl=pt > Acesso em 28 maio. 2011.